

A Mesa da Palavra explicada

Pároco P. e Vasco Soeiro

Domingo XXIV do Tempo Comum – Ano A – 13.09.2026

1ª leitura – Ben-Sirá ou Eclesiástico 27, 33 - 28,9

Salmo – Salmo 102 (103)

2ª leitura – Romanos 14, 7-9

Evangelho – Mateus 18, 21-35

da fragilidade do sempre ao SEMPRE divino

O XXIV Domingo do Tempo Comum abre-nos a porta para uma experiência, exigente, mas possível, de liberdade autêntica capaz de ver e sentir a vida como verdadeira VIDA agradecida e partilhada, pessoal e comunitária.

Da pergunta de Pedro, «quantas vezes deverei perdoar», à resposta de Jesus, «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete», os biblistas apontam que a palavra-chave de leitura e compreensão é a do nosso advérbio português «sempre», tradução do adjetivo indefinido grego πᾶς, πᾶσα, πᾶν.

Todos reconheceremos que, viver o «sempre» na existência humana constitui uma experiência de incompletude e fragilidade, concretização e erro. Ora, se a vida humana é um acontecer que exige mudança constante, uma atualização de sentidos, sentimentos, vontade e inteligência, como é que podemos experimentar aqui na terra o SEMPRE ao qual Jesus aponta?

Um dos instrumentos divinos que nos ajudará a viver o SEMPRE é sem qualquer dúvida o ato de PERDOAR.

Mas se este ato é redentor, ao mesmo tempo será um dos «sempre» mais difícil de experimentar e permanecer. Vejamos o seguinte exemplo: se todos os meus erros fossem «sempre» tornados públicos, comparados com os erros que eu tomo conhecimento do outro que os comete, facilmente tomaríamos consciência de que existe uma desproporção enorme, ao jeito da que foi apresentada por Jesus no exemplo dado a Pedro.

Compreendemos melhor a desproporção apresentada por Jesus se pegarmos numa máquina calculadora e atualizarmos a moeda do passado para a presente das nossas vidas: os **DEZ MIL TALENTOS** perdoados equivalerá a **SEISCENTOS MILHÕES DE EUROS**; enquanto os **CEM DENÁRIOS** não perdoados equivalerá a cerca de **TRÊS MIL EUROS**.

Eis a nossa «sempre» enorme dificuldade!

Todavia, Jesus aponta para uma arte, a de perdoar SEMPRE: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete»!

Nas palavras de Elizeu de Nascimento, «a arte de perdoar é uma dádiva gloriosa, reconhecer os nossos erros, nos perdoarmos e posteriormente pedirmos perdão é algo milagroso. O perdão não se herda, se aprende, se alimenta e se faz acontecer» (NASCIMENTO, Elizeu de, In https://www.pensador.com/autor/elizeu_do_nascimento/, consultado em 04-09-2026).

Por outro lado, diremos que «a falta de misericórdia nasce da ignorância do meu próprio pecado, da crença de que tenho direitos» (DEVREUX, Paul).

A experiência divina *na* e *para* a humanidade revela caminhos seguros para também nós trilharmos os mesmos caminhos da experiência humano-divina em nós: «E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre TODA a terra, e sobre TODO o réptil que se move sobre a terra» (Gen. 1,26); «Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estarei SEMPRE convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém. (Mt 28,19-20).

Deixar que o SEMPRE transforme o nosso «sempre» frágil implica mergulhar constantemente na profundidade da vida de Jesus, porque a arte de perdoar não é uma característica pessoal inata, mas um DOM concedido para que o acolhamos e partilhemos, com **GRATUIDADE** e **RESPONSABILIDADE MISSIONÁRIA**.

“Senhor, concede-me a graça de reconhecer o meu pecado não por masoquismo, mas para descobrir, cada vez mais profundamente, a grandeza do Teu amor e o dom da vida” (DEVREUX, Paul)